

ENTREVISTAS

ENTREVISTAS

INTERVIEWS

REVISITAR A WINNICOTT
EN TIEMPOS DE DESMESURA
REFLEXIONES
SOBRE LA TRADUCCIÓN
DE SUS OBRAS COMPLETAS.
ENTREVISTA CON GONZALO LÓPEZ MUSA

REVISITANDO WINNICOTT
EM TEMPOS DE DESMESURA
REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO
DE SUAS OBRAS COMPLETAS.
ENTREVISTA COM GONZALO LÓPEZ MUSA

REVISITING WINNICOTT
IN TIMES OF EXCESS
REFLECTIONS ON THE TRANSLATION
OF HIS COMPLETE WORKS.
INTERVIEW WITH GONZALO LÓPEZ MUSA

María Teresa Casté Crovetto
Sociedad Chilena de Psicoanálisis
ORCID: 0009-0008-7835-2627
mteresa.caste@gmail.com

Fecha de recepción: 07-11-2024
Fecha de aceptación: 12-11--2024

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Casté Crovetto M. T. (2024) REVISITAR A WINNICOTT EN TIEMPOS DE DESMESURA
REFLEXIONES SOBRE LA TRADUCCIÓN DE SUS OBRAS COMPLETAS.

Entrevista con Gonzalo López Musa

Intercambio Psicoanalítico 15 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/15.2.12

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

REVISITANDO WINNICOTT EM TEMPOS DE DESMESURA REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO DE SUAS OBRAS COMPLETAS.

ENTREVISTA COM GONZALO LÓPEZ MUSA¹

¹ Psicólogo Clínico Universidade do Chile. Psicanalista da Sociedade Chilena de Psicanálise, ICHPA. Membro estrangeiro da Associação Psicanalítica de Buenos Aires APdeBA. Mestre em Psicologia Clínica com menção em Psicanálise, Universidade Adolfo Ibáñez. Membro titular do ICHPA e presidente de 2018 a 2020. Ex-Presidente da FLAPPSIP (Federação Latino-Americana de Psicoterapia Psicanalítica e Sociedades de Psicanálise). Membro do Conselho dos Encontros Latino-Americanos sobre o Pensamento Winnicott Membro fundador da Associação Winnicott Chile. Co-diretor da tradução oficial das obras completas de Donald W. Winnicott para o espanhol.

María Teresa Casté Crovetto²

² Psicóloga da Universidade do Chile. Membro Titular da Sociedade Chilena de Psicanálise, ICHPA. Psicanalista vincular. Membro do Grupo Intercontinental de Pesquisa em Saúde Mental (Rimini, Itália). Membro da Associação Internacional de Psicanálise de Casal e Família.

- Emoldurando uma reunião

Poucos dias antes do Encontro Latino-Americano sobre o Pensamento de D. W. Winnicott e enquanto a obra completa de Winnicott está em processo de tradução para o espanhol, entrevistamos Gonzalo López Musa, referência iniludível do pensamento e da obra de Winnicott na América Latina.

Gonzalo, para iniciar este diálogo gostaríamos de compartilhar algumas questões que surgiram em relação à sua experiência como codiretor do grupo de mais de 30 psicanalistas do Chile e do Uruguai que trabalham na tradução da obra completa de Winnicott para o espanhol, especialmente em relação ao momento histórico em que esse esforço ocorre. Nós as propomos como o início de uma palestra que então tomará seu próprio rumo...

1.- De que forma é significativa a possibilidade de leitura da obra de Winnicott em nossos tempos? Conte-nos sobre a importância de traduzir seu trabalho.

2.-Gosto de uma expressão da psicanalista Janine Puget; Ela diz num escrito que viver é habitar areias movediças numa condição de errantes... nesta frase ela inclui inevitavelmente a noção de uma incerteza essencial, de movimento, e se o formos, de diversidade, de alteridade. Como compreender a contradição entre amor e agressão que faz parte dessa incerteza na alteridade de que fala J. Puget?

3.- Que lugar pode ocupar a invenção de novos mundos, a criatividade, para novos modos de relacionamento?

4.-Há uma frase de Keynes: "o inevitável muitas vezes não se realiza porque o que se realiza é o imprevisível". Você acha que a insistência de Winnicott na arte de esperar como ferramenta clínica poderia ajudar a nos sustentar em tempos de incerteza?

5.- O que Winnicott pode dizer sobre um olhar sobre o compromisso ético (e a responsabilidade) da clínica?

- O diálogo

Teresa Casté – Bom, para começar esta conversa, você falou sobre a contenção dos impulsos e também da violência nos dias de hoje. Como Winnicott aborda isso?

Gonzalo López Musa – Winnicott não concorda com a teoria da pulsão de morte como um empurrão pulsional independente da pulsão de vida. Na sua perspectiva, embora a agressividade exista evidentemente desde o início e esteja presente na própria natureza da existência, não reconhece um elemento destrutivo intencional neste início. Não há destrutividade contida nesta agressão, mas ela é destrutiva por acidente ou por acaso.

Quando o bebê chuta a mãe ou a arranha, não é que ele queira machucá-la ou que esteja expressando um impulso destrutivo em si mesmo, mas sim que está expressando a própria natureza da vida, que neste caso são as habilidades motoras. E então, na sua perspectiva, a agressividade é um elemento próprio do impulso vital ou da pulsão, seu objetivo e resultado são a construção e não a destruição do objeto.

Posteriormente, dadas as condições de interação, o elemento destrutivo intencional se integrará de melhor ou pior forma, e aí se aproximará um pouco mais do que é proposto na teoria de Melanie Klein, com o elemento destrutivo da pulsão. Muito mais tarde no desenvolvimento, incorporará o tema da inveja, mas como um elemento posterior, não como um elemento inicial ou primário.

T C: Nesse aspecto também difere de Melanie Klein.

G L M: Então, há elementos amorosos misturados, há elementos construtivos, há elementos de comunicação incorporados na teoria da agressão e da destrutividade de Winnicott, e isso acrescenta uma novidade muito importante e algo que considero muito necessário de ser pensado quando se atua na área social. Por exemplo, na área das marginalidades ou bordas, predomina uma imagem do destrutivo como elemento principalmente destrutivo, e não como um aspecto que não encontrou eco suficiente no ambiente para se desenvolver.

T C: Mas há uma linha de tentativa de discriminação contra a violência, de agressão como defesa. A agressividade pode ser uma questão defensiva, diferentemente da violência. Agora, não sei, o que você acha da crueldade neste caso?

GLM: Por que deveríamos sempre pensar na crueldade ou máxima destrutividade como algo relacionado à pulsão de morte? É necessário, então, pensar como podemos conceituar esses elementos sem recorrer à pulsão de morte. Winnicott propõe que o aspecto cruel, destrutivo, o aspecto ganancioso, ambicioso, são típicos da nossa interação com o mundo, mas não são o resultado da interação com uma pulsão primordialmente destrutiva, mas são o resultado de condições de relacionamento com o entorno e com a pulsão que não permitia a fusão pulsional entre os aspectos amorosos e os aspectos destrutivos. Neste contexto ele fala de fusão, mas não de duas pulsões, mas de aspectos de um mesmo empurrão. Porque ele diz, finalmente, ao contrário de Freud, que a tendência natural da natureza humana é para a integração. Freud propõe que a tendência natural da natureza humana é para o desapego. E aí, há uma diferença radical.

É completamente radical. Assim, criatividade, fantasia, espaço de transição, são todas conquistas que são frutos da sobrevivência do sujeito e objeto da agressão do bebê exercida sobre a mãe, em morder o mamilo, empurrar, vomitar comida, cansaço parental, etc. Todos aqueles elementos que são naturais à interação, que são desgastantes, que geram violência ou raiva, se não forem bem aceitos, se não forem bem integrados pelos pais, pela mãe ou pelo ambiente, começam a gerar essa desfusão por um lado. Como diz Winnicott, o problema da agressividade não é a agressividade em si, mas sim a repressão dos elementos agressivos. Esse é o ponto que multiplica o fator agressivo e o torna mais predominante que o fator amoroso do empurrão pulsional.

TC: Então, o mal-estar na cultura também é entendido de outra forma, Winnicott não pensa dessa forma?

GLM: Claro, lembre-se que aqui está o ambiente como elemento básico, como pilar da construção, existe o empurrão pulsional e toda a articulação com o desejo e obviamente a conquista do prazer ou o estabelecimento do contato com o outro, e a isto acrescentamos, como parte do desenvolvimento, a sobrevivência do objeto à destrutividade como elemento relevante, e o interesse do sujeito por tudo o que tem a ver com o social, o cultural e o humano. Todos esses elementos se unem em algo que resulta no desconforto da cultura, mas que não tem como fonte base a pulsão de morte, nem a interação entre a pulsão de vida e a pulsão de morte como elemento de destrutividade básica, que entra em jogo simplesmente porque o outro existe. Freud o coloca desta forma. Por outro lado, como Winnicott é existencial e tem essa importância da ética do contato e da delicadeza, então esses elementos são colocados em jogo de uma forma que não são conceituados por Freud ou por Klein. Por isso gostei da frase que você enviou, essa ideia de Janine Puget que diz num escrito que viver é habitar areias movediças numa condição de errantes, inclui inevitavelmente a noção de uma incerteza essencial, de movimento e, se o formos, de diversidade, da alteridade.

Este tema é absolutamente relevante em Winnicott, porque há o tema da fragilidade, da não estruturação definitiva e da presença do outro num jogo entre esta ideia de intrusão, sempre vivida como violenta, ou de contacto que é sempre experimentado como o oposto da intrusão. Assim, na convivência humana entram em jogo esses elementos que são pensados por outros autores, a partir do nível da interação de ambas as pulsões e que se estabelecem conceitualmente em Winnicott como a ideia de sobrevivência, de fracasso e de tendência à integração. É por isso que, para Winnicott, o elemento central do desenvolvimento nos estágios iniciais, anteriores aos pulsionais, é o fracasso. Em Winnicott, o fracasso tem uma condição central, como aquela que Freud atribui à repressão primária. A questão é que no fracasso o elemento repressivo não funciona, e isto porque o fracasso é um fracasso concreto. É aí onde não dizemos ao paciente uma interpretação, mas dizemos ao paciente algo que reconhece a realidade do fracasso e da dor como um aspecto da história que deve ser reconhecido pelo analista. Porque a fome é real e a inveja é da ordem da fantasia inconsciente. Entende a diferença, certo?

TC: Há aí um real que é muito diferente do real lacaniano. É muito diferente também da falta lacaniana, é outra coisa. É muito mais uma compreensão da experiência. Da experiência real.

GLM: Sim, aí Winnicott o desenvolve muito mais, e pega muitos elementos de Ferenczi, e também fica muito próximo da fase freudiana mais traumática, do que realmente aconteceu, não é verdade? O que mais tarde muda através da fantasia inconsciente. Na histérica, primeiro pensou que era um acontecimento real e depois começou a pensar que era uma fantasia. E a interação entre ambos os elementos se perdeu na teoria freudiana. Ele estava se deslocando para a interpretação da transferência e deixando mais de lado o acontecimento real.

TC: Porque essa é também uma acomodação que permite livrar-se do conflito com o contexto sócio-histórico que o produz, correto?

GLM: Exatamente. O que você diz coincide com uma proposta contida em um texto do argentino Luis Sanfelippo chamado "Trauma. Um estudo histórico em torno de Sigmund Freud", evitando as consequências da consideração do traumático, ou seja, o real.

TC: Então, digamos que Winnicott não escapa disso.

GLM: O fato é que se você pensar bem, Tere, nas histórias clínicas atuais e no que está acontecendo nos níveis social e cultural, aparece o caráter traumático do abuso sexual, do abuso de poder e do abuso de violência repetidamente em pacientes com essas estruturas complexas que, por um lado, parecem neuróticos mas que têm um fundo muito mais de ordem, de caráter severo ou limítrofe. E de repente encontramos até temas da primeira infância – muito antes do Édipo – dando voltas, que não se resolvem e que reconhecem algo dessa ordem, digamos, do que aconteceu.

TC: Parece-me que Winnicott é consistente e sólido ao abordar a importância das experiências traumáticas no início da vida. Aspectos que outros parecem minimizar.

GLM: Sim, pense que ele foi pediatra a vida toda. Durante toda a sua vida trabalhou no Paddington Green Children's Hospital, em Londres, como chefe de serviço e mais tarde como psicanalista, mas nunca perdeu o interesse pela pediatria e nunca perdeu o interesse pelas questões sociais, no sentido de que sempre esteve intimamente ligado às questões políticas e de saúde pública. Um aspecto importante de sua vida é que ele trabalhou ao lado de sua segunda esposa, Clare Britton, na evacuação de crianças durante a Segunda Guerra Mundial. E foi esse trabalho que provocou, digamos, a postulação da ideia de supressão como fonte de tendências e de comportamentos antissociais e destrutivos. A supressão como perda de um ambiente que o sujeito teve e perdeu e que causou prejuízo e dor. O que aconteceu com todas as crianças e adolescentes que foram evacuados, o que obviamente foi feito para salvar suas vidas em termos gerais, mas que teve consequências. Ele, num escrito sobre a guerra, disse que a evacuação de crianças e adolescentes e a separação de mães e pais de seus filhos teria consequências piores do que a própria guerra. E há elementos geracionais do desenvolvimento da sociedade na Europa que corroboram isso, na perspectiva de Winnicott. Aí se tem uma ideia de porquê e como propõe a destrutividade desde outras fontes, mas que pode se tornar tão destrutiva e tão poderosa como se se pensasse que se baseia na pulsão de morte.

TC: Essa é uma das perguntas que as pessoas sempre fazem sobre Winnicott. Como pensar a crueldade se não existe pulsão de morte?

GLM: Bem, podemos pensar nisso, mas com base em outros elementos que a transformam e não em fonte primária original, mas em fonte de fracasso. Podemos adicionar muitos elementos. Mas tudo o que tem a ver com o desarmado destrutivo, e o que você acabou de dizer é importante aqui, Tere, tem a ver com o fracasso ambiental em sua versão traumática inicial, por exemplo, ele a propõe como o elemento que dá como resultado o psicótico. É por isso que eu estava lhe dizendo que quando a destrutividade intencional dirigida ao objeto aparece, é posteriormente

no desenvolvimento. E é por isso que surge o conceito de supressão, que surge mais tarde no desenvolvimento, uma vez que o sujeito tem consciência e onde exerce a violência diretamente, rouba, mata, destrói, no caso de as coisas desmoronarem. Tem a ver com uma compreensão da destrutividade mais ligada ao cruel, ao destrutivo.

TC: Eu estava pensando no que você está trazendo da experiência de Winnicott na Europa e na Segunda Guerra, podemos pensar nisso também para a experiência do SENAME, aqui no Chile, nas experiências caóticas, horrendas, de supressão, desde o início da vida, pensamos em gerações marcadas por algo que depois parece ser esquecido, parece não ser considerado.

GLM: Exatamente, não ser considerado, nem é considerado dentro dos próprios lares, porque há muito trabalho com esses meninos e meninas, digamos assim, que aponta para uma repressão ainda maior do impulso, mais do que um encontro com isso que o sujeito afirma, certo? Essa afirmação de “me dá um cigarro” reconhece a realidade, vou dizê-lo de forma bastante estúpida, mas reconhece a realidade de que não têm cigarro. Winnicott propõe então que existe uma dupla leitura, por um lado não tenho cigarros, me dá um, e o outro é, vou tirar-lhe todos os cigarros que possa porque é um estúpido que posso manipular. Possui, por um lado, a manipulação possível no contexto pulsional do desejo e, por outro, a evidência material que não possui. Então, quando você sempre lê na perspectiva de “cuidado, vão te manipular”, “cuidado, estão sempre esperando tirar algum benefício do que vão te contar”, sim, tem isso, como diz Winnicott, existe o ganho secundário do sintoma, é evidente que está instalado, mas se colocarmos o “olho” apenas nisso, perdemos que há uma fonte de início, de falta, de ausência, de fracasso material, que também está presente nessa demanda. E isso na maioria das vezes não é considerado.

TC: Tenho a impressão de que Winnicott não se torna cúmplice de uma surdez básica da qual muitos se tornam cúmplices.

GLM: Olha que lindo o jeito que você fala. Sim, é muito lindo, porque além de não se tornar cúmplice, é ativo nessa posição. Se você ler as cartas que ele enviava aos jornais, aos políticos, aos líderes, aos ministros da saúde, aos psiquiatras, aos neurologistas, você veria a dureza com que ele expressava suas divergências, suas ideias e suas posições. Mesmo aos seus colegas da sociedade psicanalítica britânica, a Klein e aos seguidores de Klein e aos demais, enviava opiniões muito ruidosas no sentido de não ser silenciado pelo politicamente correto, porque poderia ser complicado, porque poderia ser irracional, etc. Tratava de dizer o que sentia, obviamente apoiado não só num sentimento, mas

também numa conceptualização teórica a partir da sua base, porque estava desenvolvendo todas as coisas que pensava e que tinha fundamentalmente observado na sua clínica. É muito interessante que esse seu aspecto não apareça com frequência no estereótipo, aparece em outro, Winnicott como um velho bem-humorado, seus programas de rádio, etc., não têm nada a ver com esse velho bem-humorado. Então, o que me importa nisso tudo, em relação à sua primeira pergunta, Tere, é que muitos desses elementos foram efetivamente silenciados ou não nomeados em traduções anteriores das obras de Winnicott. E isso é muito importante porque sempre nas reuniões winnicottianas os apresentadores, os mais experientes, diziam: “Bem, recomendamos que você leia os textos em inglês porque falta A, B, C ou D na tradução, o elemento dinâmico D não está presente”, e assim por diante. Na verdade, a própria ideia de usar a palavra instinto em vez de pulsão e de traduzir instinto em vez de pulsão na obra em espanhol prejudica muito a leitura do que tem a ver com o elemento integrador, por exemplo, da pulsão vital. E sempre houve avisos, mas a verdade é que agora que estamos na tradução percebemos que há mais termos e mais conceitos que ou não foram traduzidos, ou mal traduzidos, ou colocados diretamente de uma forma que não corresponde ao que Winnicott estava escrevendo.

TC: Ou seja, o que tem valor, voltando ao mais central disso, que é a tradução que vocês têm feito, que é extremamente valiosa, também é uma interpretação, correto? Isso é muito interessante porque permite que nós, falantes de espanhol, acessemos algo que não estava presente, certo?

GLM: Sim, e também permite outra coisa que é muito importante para nós, que é a discussão sobre o conceito, porque estamos propondo uma posição que depois de chegar a um consenso com o grupo de trabalho, pode ser discutível por outros que possam pensar de forma diferente, ou que possam levantar outros elementos que talvez não estejamos considerando ou tenhamos considerado de outra forma. Então queremos que as obras completas sejam escritos para serem trabalhados, para serem pensados e para serem “incômodos” de alguma forma.

TC: Essa é uma posição que me parece deixar linhas em aberto. Não são teorizações fechadas.

GLM: Exatamente. Nosso trabalho, em certo sentido, é frágil. Mas foi nosso discurso para continuar em movimento. É por isso que nunca nos ocorreu pensar que esta é a tradução oficial. Ou a tradução autorizada. É uma tradução. E como tal, tem tudo o que as traduções têm.

TC: Isso a coloca numa perspectiva de movimento e não de apropriação identitária. Pelo contrário, é uma proposta para continuar instituindo.

GLM: Exatamente. Essa é uma bonita maneira de dizer isso. Marca uma ênfase diferente, a ênfase de que o vivo tem a condição do frágil e do movimento, que é uma coisa que em inglês está tão embutida nos gerúndios, com o holding, o going on being, não é? Que são ideias de difícil tradução: Ser, devir, que não utilizamos tanto nas teorizações psicanalíticas.

TC: Que lugar pode ocupar a invenção de novos mundos, a criatividade, para novas formas de se relacionar?

GLM: O criativo é um elemento central na teoria winnicottiana, a criatividade é o resultado de um bom desenvolvimento onde o sujeito permanece em contato com seus aspectos nucleares e o que emerge, o faz a partir de si mesmo.

Vou parafrasear uma frase, não a sei de cor, algo como a forma pessoal e única que cada um de nós tem de fazer um ovo frito. Isso é para ele o ato criativo, só é criativo na medida em que é pessoal e não só é pessoal, mas também é algo que para o sujeito tem a ver consigo mesmo e é aí que reside toda a criatividade da clínica winnicottiana em relação à teoria do falso eu e a teoria do vazio.

TC: Nesse sentido você traz algo que Winnicott diferencia, o criativo do autoerótico no sentido de que incorpora o outro como um sujeito que existe para mim, o autoerótico apaga o outro.

GLM: Para Winnicott a base do desenvolvimento é o narcisismo primário, ele propõe um narcisismo de origem, o sujeito é um sujeito fechado, pode continuar existindo porque depende do ambiente que pode sustentá-lo. É semelhante ao que Freud propõe em "Introdução ao narcisismo". Tem uma ideia muito semelhante de narcisismo primário, só que Winnicott propõe que não viemos do imaterial da pulsão de morte, como Freud, é mais complexo ao dizer que viemos da condição de solidão, aí (o conceito) é existencial.

TC: Eu também estava pensando na dimensão ética de tudo isso, Gonzalo, em como Winnicott aborda nesse sentido.

GLM: Bom, isso é o que eu estava te contando um pouco antes, em relação à ética do contato, existe a ideia da postura profissional. Quando Winnicott fala do analista, ele fala da atitude profissional. O que isso significa? Significa que o sujeito, analista, é, para seu paciente, a melhor pessoa que pode ser. E é por isso que necessita de análises próprias, supervisões, estudos e todos esses elementos. Nessa perspectiva, preparar-se como sujeito para ir em direção ao paciente, que eu sempre digo que na clínica desde essa perspectiva o analista inclui esse movimento

de uma pequena aproximação, um avanço físico. Quando um se interessa pelo outro, quando se importa com o outro, quando se preocupa com o outro, é como se aquele movimento fosse direcionado, é como ir em direção ao encontro, que está incluído nesta ideia, que é a ideia da mãe que cuida, porque tem a ver com ir ao encontro, com encontrar-se com o outro.

E essa ideia de cuidar, assim como o cuidado psicológico de cuidar do paciente, em inglês é *meet*: encontrar-se, e aí me parece que está completamente na ordem do aspecto psicanalítico do encontro. Não é só interpretar, mas tem que incluir sempre aquele elemento de atendimento à necessidade, mesmo que seja o paciente mais neurótico e a transferência seja interpretada na ordem do Édipo, mas sempre com o que Winnicott disse, eu me preocupo com meu paciente e me importo que meu paciente esteja bem.

Winnicott pretende, como analista, estar vivo, atento e respirando, com toda a sua vitalidade colocada a serviço do trabalho que realiza. Não é apenas um sujeito técnico, mas também um sujeito vivo e interessado. É a isso que se refere a atitude profissional, essa é a atitude. É a ideia de ética, que você perguntou. É a vida do analista, não apenas a sua formação, mas a sua própria vida, a sua própria história, a sua própria análise. É por isso que para ele a análise não é didática, mas sim é uma análise pessoal.

TC: Bem, em relação ao que estávamos falando sobre o movimento, como pensaríamos desde Winnicott o imprevisível?

GLM: Olha, há duas coisas que vêm à mente. Uma é a ideia da capacidade negativa, que é a tolerância de não saber, a tolerância de permanecer num estado de algo que não me garante nem me responde, mas que me mantém na pergunta, porque não posso responder, ou porque demora muito, ou porque a vida é, como você disse, imprevisível. Essa capacidade negativa é uma conquista, um desenvolvimento de todos nós, e é o oposto do fanatismo, que seria um conhecimento antecipado, preconceituoso, que não considera o outro, mas sim como um objeto pré-determinado, pode ser de desprezo ou de valorização, porque o fanático também valoriza quem se parece a ele. E, portanto, essa condição da relação com o outro, como outro humano, é evidência da capacidade negativa, de não saber, de tolerar diferenças, de o outro não concordar comigo, de o outro não responder ao meu desejo, de não ser um servo da onipotência. E esses elementos são fundamentais na clínica, pois o desenvolvimento desses aspectos no analista como sujeito que não sabe. Nesse sentido, a ideia de que não saber é relevante, estar exposto ao outro como um sujeito completo, e do paciente como um sujeito que na verdade provavelmente carece desses elementos em sua história, por ter vivenciado coisas que o fazem consultar, é uma parte da clínica que traça o caminho do narcisismo para a preocupação com o outro.

TC: O que você propõe é muito interessante, porque me abre a pensar em duas palavrinhas, que ficam aí gravitando. Uma é a forma como se processa a questão da alteridade, no sentido da diferença radical entre quem somos, e por outro lado, intimamente ligada a isso, a questão da implicação, com uma série de aspectos a serem elaborados, na própria análise, para verificar se trabalhar com os estereótipos considerados como obstáculos implica maior possibilidade de abordagem da alteridade.

GLM: O imprevisível. Foi aí que pensei em voltar à teoria sobre a ideia de destrutividade. Uma das condições do objeto para que se torne um sujeito com o qual me relaciono, e não um sujeito determinado pelos meus próprios desejos, é a sobrevivência. A sobrevivência como sujeito, a sobrevivência do analista, por exemplo, quando o paciente o agride, o ataca, e não o toma como um elemento pessoal, mas sim como um aspecto da relação necessária entre duas pessoas, num ambiente de trabalho clínico, por exemplo.

Se o analista não sobrevive, se defende, ou agride o paciente, ou o interpreta de forma agressiva ou vingativa, porque muitas vezes há analistas que interpretam de forma um pouco vingativa aos seus pacientes o que eles não toleram do que o paciente está colocando-os no âmbito da transferência. Ou o que o paciente lhe diz na realidade concreta. Então, a sobrevivência implica a ideia de confiança, que é a confiança de que o mundo vai se comportar de uma determinada maneira para seguir em frente, porque se eu não confiar que o sol vai nascer no dia seguinte, no dia seguinte chega o cataclismo e não consigo me manter vivo. Tenho que confiar que a conexão não vai cair, que podemos continuar conversando para podermos falar com calma entre os dois. E isso é sempre uma fantasia, e é sempre frágil, porque tudo isso pode mudar a qualquer momento. Se a conexão é cortada, fico com raiva, e aí vem a desconexão, mais interna, mais profunda. E esses são elementos que Winnicott levanta em relação ao que você traz, que não é o inevitável, mas sim o imprevisível.

Com essas palavras tão simples que diz Winnicott, mas que são de ordem metapsicológica, permanecer vivo inclui muitos elementos que têm a ver com o próprio desenvolvimento, com respeito à construção do objeto, com respeito à sobrevivência do meio, com respeito ao relacionamento baseado na comunicação e não no desejo. Todos esses aspectos estão incluídos em palavras como permanecer vivo, na palavra confiabilidade ou na sobrevivência, que me permitam relacionar. Não estabelecer uma condição ligada à fantasia ou à onipotência. O sujeito é um sujeito com quem me relaciono e não um sujeito que deveria realizar o meu desejo. Essa é a diferença, o respeito.

TC: Isso está intimamente ligado ao compromisso ético de um analista.

GLM: Exatamente, quando Freud diz que não convém ao analista fazer com que seu paciente seja à sua imagem e semelhança, quando faz essas propostas técnicas, Winnicott leva isso muito a sério. Não forçar o paciente a se acomodar num quadro fechado no qual ele tenha que se adaptar, como era uma ideia kleiniana.

A abordagem de Winnicott em relação a isso, à técnica, ao modelo, ao ambiente familiar, à mãe, ao pai, ao ambiente, é que é o ambiente que se adapta ao bebê e não o bebê que se adapta ao ambiente. Que essa ideia de... “foi a vez dele” ou “ele tem que aguentar”, “essas são as condições”.

Se a gente pode e consegue moderar até certo ponto, para transformar o ambiente às condições particulares de cada criança, que são todas diferentes, as condições de desenvolvimento e interação com o mundo tornam-se mais possíveis para o bebê. Se eu adapto as condições, na medida do possível, para o meu paciente em função de certas necessidades que ele tem, que não lhe permitem viver o modelo como todos os outros, então é o analista quem se adapta ao paciente. E essa é uma ideia que nada tem a ver com a psicologia do ego, no sentido da adaptação do sujeito à realidade. É a posição do respeito, é também a condição do respeito do meio ambiente para com o sujeito. Não só do sujeito para o meio ambiente, é um vaivém. Quando te contei isto sobre as crianças deslocadas na Segunda Guerra Mundial, como o nosso ministro este dos 30 pesos, um dos ministros ingleses pensou que bom, finalmente seria bom para as mães porque elas poderiam reunir-se para tomar chá com as amigas. Nesse deslocamento de crianças, de rupturas familiares, ele faz aquele comentário e Winnicott entra em colera e escreve um artigo inteiro sobre os danos às mães e às famílias devido ao deslocamento de seus filhos e de todos os elementos que ali apareceram. Então a consideração de que o sujeito deve se adaptar ao ambiente porque no final tem que fazê-lo é muito típica de ambientes muito ditatoriais, do sujeito que tem o poder, que faz isso para que outros no final se adaptem a eles. Mas a ideia de que o ambiente se adapta ao sujeito tanto quanto possível é uma ideia muito anti-neutralidade em análise. Pense em todas as coisas que Winnicott fez por Margaret Little quando a analisou. Exceções. Ou seja, o excepcional tem que fazer parte da possibilidade de trabalho do analista junto ao paciente.

TC: Bom, essa é uma área criativa que não tem cumplicidade com essa surdez mais confortável, a propósito das mães tomando chá. É claro que o confortável se a estendermos ao mundo social ou aos lugares de poder parece fazer com que a surdez tenha um significado muito estabelecido em algum aspecto

GLM: Olha, o Encontro vai ser sobre essa surdez e essa instalação do surdo no campo da perversão, e do traumático.

TC: Bom, no final da entrevista chegamos ao tema do Congresso, e se trata do que estávamos falando: essa ideia de esquecimento, silêncio e negação na esfera social, que é o que permite que sejam sustentados esses comportamentos abusivos, de submissão, de abuso sexual e político. Porque a sociedade colabora com isso.

Foi uma conversa muito proveitosa. Muito obrigada!